



# **A elaboração cristológica enquanto via para a Revelação Trinitária no Evangelho de João**

*Cristological elaboration as a way to Trinitarian Revelation in the Gospel of John*

*Bruno Pinto de Albuquerque  
Maria Clara Lucchetti Bingemer*

## **Resumo**

Este artigo salienta como, no Evangelho de João, o processo de evolução da elaboração cristológica se encontra articulado à progressiva Revelação Trinitária. Desse modo, a leitura conduz gradualmente à contemplação, a partir da Pessoa de Jesus, do Mistério da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Instigados pelas palavras e gestos do Nazareno, seus interlocutores se veem diante da tarefa de fazer uma escolha: entender sua pregação e atuação taumatúrgica como farsas de um blasfemo impostor ou reconhecer em sua vida a obra do próprio Deus que se encarna na humanidade. Selecionando algumas perícopes da vasta riqueza deste escrito joanino, nota-se que o caminho do discipulado se configura justamente como uma trajetória na direção de reconhecer, em Jesus, o próprio Deus feito Homem. Transparente à atuação do Pai no mundo através Dele, o Filho inaugura o Reino e concede o Espírito às pessoas dispostas a acolher seu projeto universal de amor e salvação. Deste modo, a Paixão-Ressurreição de Jesus é o ápice da Revelação do Deus-Amor.

**Palavras-chave:** Cristologia. Jesus Cristo. Revelação. Santíssima Trindade. Evangelho de João.

## **Abstract**

This article highlights how, in the Gospel of John, the process of evolution of the Christological elaboration is linked to the progressive



Trinitarian Revelation. In this way, the reading gradually leads to the contemplation, from the Person of Jesus, of the Mystery of the Trinity: Father, Son and Holy Spirit. Instigated by the words and gestures of the Nazarene, his interlocutors are faced with the task of making a choice: to understand his preaching and thaumaturgical performance as farce of a blasphemous impostor or to recognize in his life the work of God himself who is incarnated in the humanity. Selecting some pericopes from the vast wealth of this Johannine writing, it is noted that the path of discipleship is configured precisely as a trajectory towards recognizing, in Jesus, God himself made Man. Transparent to the Father's work in the world through Him, the Son inaugurates the Kingdom and grants the Spirit to people willing to accept his universal project of love and salvation. In this way, Jesus' Passion-Resurrection is the culmination of the Revelation of the God-Love.

**Keywords:** Christology. Jesus Christ. Revelation. Holy Trinity. Gospel of John.

## Introdução<sup>1</sup>

Na Tradição judaico-cristã, a Revelação é compreendida como um ato livre por meio do qual Deus comunica seu Mistério salvífico à humanidade, convidando-a a dele compartilhar. Trata-se, portanto, do fundamento da fé e sua referência constante, que a teologia acolhe e procura compreender, à luz da inteligência, em diálogo com as diversas ciências. Para o Novo Testamento, a Revelação tem como referência Jesus de Nazaré e sua atividade, de modo que ela consiste, principalmente, na descrição de sua Pessoa, atividade e ensino.<sup>2</sup> Nesse contexto, o presente trabalho procura explorar como essa Revelação Trinitária se desdobra, no Evangelho de João, em articulação com o mistério de Jesus, particularmente, com o desenvolvimento da cristologia joanina.

Em uma nota de rodapé, a Bíblia de Jerusalém indica que, ao perguntar a Jesus: “De onde és tu?” (Jo 19,9), Pilatos não está interessado na proveniência geográfica de seu interlocutor, mas em sua “misteriosa origem”.<sup>3</sup> O espanto de Pilatos pode nos servir de ponto de partida para nos aproximarmos da surpresa

---

<sup>1</sup> O presente texto consiste em uma versão revisada e ampliada de um trabalho elaborado no contexto da disciplina “O Deus da Revelação”, cursada no segundo semestre de 2018 na PUC-Rio e ministrada pela professora que o assina em coautoria.

<sup>2</sup> FISICHELLA, R., *Revelación*, p. 859-860.

<sup>3</sup> BÍBLIA de Jerusalém, p. 1890.



experimentada por aqueles e aquelas que se defrontavam com esse “mistério de Jesus”, objeto de todo o Evangelho de João, que Clemente de Alexandria considerava o “evangelho espiritual”.<sup>4</sup> Com efeito, é através das narrativas desses encontros com a instigante Pessoa de Jesus que o evangelista apresenta os traços do Deus que Ele revela: Pai, Filho e Espírito Santo. Dada a multiplicidade desses encontros, privilegiaremos alguns dos mais significativos, na esperança de, assim, fazer mais justiça às riquezas hermenêuticas que eles contêm.

## **1. Do testemunho de João Batista ao chamado dos primeiros discípulos**

Na sequência do belíssimo prólogo joanino, de cristologia descendente, o autor sagrado parece passar à via de uma cristologia ascendente, pois começa a narrar como o Mistério divino-humano de Jesus abre caminho para que as pessoas e grupos que se encontram com Ele descubram o próprio Deus que se revela. O primeiro que se encontra com Jesus é João Batista, o qual, ao vê-lo se aproximando, exclama: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Essa declaração, que foi incorporada na liturgia católica, revela desde o início a condição especial de Jesus de Nazaré, em uma releitura pós-pascal de sua vida, Paixão e Ressurreição, e que já havia sido explicitada no prólogo: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,14), de quem “João dá testemunho” (Jo 1,15).

Vendo e ouvindo a indicação de João Batista, dois de seus discípulos seguem Jesus, que lhes interpela: “Que procurais?” (Jo 1,38) – pergunta que reverbera também no coração do(a) leitor(a)/ouvinte. Trata-se da primeira fala de Jesus no IV Evangelho: uma interrogação sobre o que procuram aqueles que Dele se aproximam. Eles revelam seu anseio através de uma pergunta: “Mestre, onde moras?” (Jo 1,38). A resposta é um convite: “Vinde e vede” (Jo 1,39). Ao encontrar Pedro, seu irmão, André está sob o efeito impactante da presença de Jesus: “Encontramos o Messias” (Jo 1,41). A reação dos primeiros discípulos, portanto, é ver em Jesus a realização das promessas messiânicas. Isto é reafirmado por aquilo que Filipe narra a Natanael: “Encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus, o filho de José, de Nazaré” (Jo 1,45). Natanael a princípio se mostra reticente: “De Nazaré pode sair algo de bom?” (Jo 1,46). Filipe responde com um convite que faz eco àquele feito por Jesus aos primeiros discípulos: “Vem e vê” (Jo 1,46). No encontro com Jesus, Natanael reconhece: “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o

---

<sup>4</sup> MIGLIASSO, S., Juan, p. 533.



Rei de Israel” (Jo 1,49). Aqui, entretanto, não se trata ainda de uma confissão da divindade de Jesus, mas de um título messiânico.<sup>5</sup>

## 2. Das núpcias de Caná à cura de um enfermo

O início dos sinais acontece nas núpcias de Caná. O vinho do casamento termina e a mãe de Jesus lhe diz: “Eles não têm mais vinho” (Jo 2,3). Ele objeta: “Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4). Então, Maria se dirige aos serventes, conduzindo-os até Jesus: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). O Mestre transforma a água em vinho, mas o mestre-sala “não sabia de onde vinha”, apenas os serventes que tinham retirado a água conheciam a origem da bebida (Jo 2,9). Este foi o “princípio dos sinais”, através do qual Jesus “manifestou a sua glória” e os seus discípulos nele acreditaram (Jo 2,11).

A temática do matrimônio retornará no encontro de Jesus com a Samaritana, paradigmático para abordar o alcance da mensagem e atuação do Nazareno, que transmite a todos os homens e as mulheres a palavra da parte de Deus – pois Ele mesmo é a Palavra (Jo 1,1) –, que deve bastar para convencer, não sendo necessários milagres para crer em sua missão (Jo 4,41).<sup>6</sup> A distância entre os judeus e os samaritanos e a proibição de falar publicamente com uma mulher não impedem que Jesus se dirija a uma samaritana: “Dá-me de beber!” (Jo 4,9). A mulher fica escandalizada: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” (Jo 4,9). A resposta de Jesus é intrigante: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!” (Jo 4,10). A samaritana interpreta literalmente a mensagem: “Senhor, nem sequer tens vasilha” (Jo 4,11). Pacientemente, Cristo insiste em sua pedagogia: quem bebe da água do poço “terá sede novamente”, mas quem bebe da água que Ele dá “nunca mais terá sede”, pois se tornará na pessoa uma “fonte de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4,13-14). Esse recurso ao mal-entendido é um dos procedimentos literários particulares da linguagem joanina, que “joga com a ambivalência que caracteriza certas declarações do Cristo joanino” e cujo mecanismo se manifesta da seguinte forma: “o interlocutor se engana sobre o sentido de uma palavra de Cristo, interpretando-a em relação às certezas que prevalecem no mundo. Essa incompreensão permite então ao Cristo joanino reformular e esclarecer o sentido da revelação de que é portador”.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> BÍBLIA de Jerusalém, p. 1846.

<sup>6</sup> BÍBLIA de Jerusalém, p. 1852.

<sup>7</sup> ZUMSTEIN, J., O evangelho segundo João, p. 451-452.



Ainda mantendo-se no nível literal e pensando nos próprios benefícios, a samaritana pede: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!” (Jo 4,15). Ela o reconhece como profeta (Jo 4,19), quando Jesus revela: “tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido” (Jo 4,18). Mas diante da fala de Jesus sobre o Pai e a necessidade da verdadeira adoração “em espírito e verdade” (Jo 4,24), ela parece começar a intuir que talvez aquele Homem seja mais do que um profeta: “Sei que vem um Messias” (Jo 4,25). Jesus conclui: “Sou eu, que falo contigo” (Jo 4,26). A reação da mulher é imediata: deixa seu vaso e corre à cidade, proclamando: “Vinde ver um homem que disse tudo o que fiz”. Sua pergunta abre espaço para desarvorar os corações que se fecham à possibilidade da Revelação divina adentrar a história humana: “Não seria ele o Cristo?” (Jo 4,29). Muitos samaritanos, instigados pelo testemunho da mulher, foram conferir quem era aquele misterioso Homem e creram “por causa da palavra dele” (Jo 4,41). Eles dizem à mulher: “Já não é por causa de teus dizeres que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo” (Jo 4,42). Talvez seja possível encontrar nesse testemunho de encontro com o Senhor uma experiência que se aproxima daquela narrada no livro de Jó: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te veem” (Jó 42,5).

Outra importante categoria de narrativas para analisar o modo como a cristologia joanina aponta e deixa transparecer a Revelação Trinitária no Evangelho de João é a dos relatos de cura, tal como aquele do enfermo na piscina de Betesda, doente havia trinta e oito anos. Jesus lhe dirige uma pergunta desconcertante: “Queres ficar curado?” (Jo 5,6). Espantado diante de alguém que possivelmente promovera habilmente um verdadeiro curto-circuito na sua condição de autocomiseração, o homem se esquiva de responder: “Senhor, não tenho quem me jogue na piscina” (Jo 5,7). Mas Jesus não cai nesta armadilha, promovendo um corte imediato naquele ciclo paralisante: “Levanta-te, toma teu leito e anda!” (Jo 5,8). E o homem imediatamente fica curado.

### **3. Da hostilidade das autoridades religiosas à Paixão e Ressurreição**

Ao verem que Jesus realiza uma cura em dia de sábado, os judeus o repreendem. No Evangelho de João, o termo “judeus” em geral se refere às “autoridades religiosas hostis a Jesus, sumos sacerdotes e fariseus”.<sup>8</sup> Jesus responde, dizendo: “Meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho” (Jo

---

<sup>8</sup> BÍBLIA de Jerusalém, p. 1844.



5,17). A reação dos judeus é significativa, pois o evangelista associa o testemunho da íntima comunhão entre Jesus e o Pai como mais um motivo para sua condenação e morte: “Então os judeus, com mais empenho, procuravam matá-lo, pois, além de violar o sábado, ele dizia ser Deus seu próprio pai, fazendo-se, assim, igual a Deus” (Jo 5,18). Ao retomar a palavra, Jesus faz um longo discurso sobre a obra do Filho, indicando a unidade e a diferença em sua relação com o Pai: “Em verdade, em verdade, vos digo: o Filho, por si mesmo, nada pode fazer mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que este faz o Filho o faz igualmente. [...] Como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer” (Jo 5,19.21).

Mais adiante, os judeus voltam a interpelar Jesus, no Templo, como se não tivessem escutado o que Ele disse: “Até quando nos manterás em suspenso? Se és o Cristo, dize-nos abertamente” (Jo 10,25). Eles tomam pedras, querendo apedrejá-lo por blasfêmia e justificando-se ao dizer: “Sendo apenas homem, tu te fazes Deus” (Jo 10,33). A conclusão desses encontros é a incredulidade das autoridades religiosas: “Apesar de ter realizado tantos sinais diante deles, não creram nele” (Jo 12,37). O próprio prólogo do IV Evangelho já tinha adiantado esse desfecho: “Veio para o que era seu e os seus não o receberam” (Jo 1,11).

A compreensão que os discípulos têm da Pessoa de Jesus, por outro lado, vai se ampliando e alargando progressivamente, até chegar ao ponto de confessar, na Última Ceia: “cremos que saíste de Deus” (Jo 16,30). Uma confissão de fé ainda maior do que esta acontece após a Paixão, na alegria do encontro com o Ressuscitado. Os discípulos narram o acontecimento a Tomé: “Vimos o Senhor!” (Jo 20,25), expressão reservada a Deus. Com efeito, o Cristo Ressuscitado sopra sobre eles e diz: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,22), presença invisível que engendra uma nova forma de fé.<sup>9</sup> Cabe a Tomé, aquele que duvidou, expressar as últimas consequências dessa confissão de fé: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20,28). Antes, o discípulo argumentara: “Se eu não vir em suas mãos o lugar dos cravos e se não puser meu dedo no lugar dos cravos e minha mão no seu lado, não creerei” (Jo 20,25). Diante da nova aparição, estando Tomé entre eles, Jesus lhe diz: “Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” (Jo 20,27).<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> BROWN, R., *El Evangelio según Juan XIII-XXI*, p. 1492.

<sup>10</sup> Em sua longa meditação sobre essa narrativa, o teólogo tcheco Tomáš Halík sustenta que as feridas abertas do mundo são um caminho para encontrar a Cristo. Esse é um critério fundamental para discernir a fé da ilusão: “No mundo, encontramos tantas feridas, que sempre nos confrontam com as perguntas dolorosas se a nossa fé em um sentido não seria apenas uma projeção ilusória



Para alcançar este grau de maturidade, Tomé percorreu um longo caminho ao longo de todo o Evangelho. Em seu discurso de despedida, no qual Jesus abordara de forma aprofundada sua relação com o Pai, o mesmo Tomé o interpelara, procurando entender melhor o que o Mestre queria comunicar a eles, e Jesus responde: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes” (Jo 14,6-7). Ao mesmo tempo em que indica sua unidade com o Pai, o Filho indica também sua diferença, pois havia dito aos judeus: “Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai” (Jo 6,46). Agora, porém, despedindo-se dos discípulos, antes de abraçar a Cruz, Jesus responde à pergunta de Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta!” (Jo 14,8), de maneira surpreendente: “Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9).

Em sua oração, Jesus se dirigira ao próprio Pai, erguendo os olhos ao céu: “Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3). E após a ressurreição, ao aparecer a Maria Magdalena, pede que anuncie aos irmãos: “Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus” (Jo 20,17). Se esta expressão é compreendida por alguns como enfatizando a diferença da filiação de Jesus em relação aos discípulos,<sup>11</sup> para outros, ela implica mais em uma identificação do que em uma diferença.<sup>12</sup> Ora, podemos considerar que essa expressão sublinha justamente que a filiação de Jesus em relação a Deus implica identidade e diferença em relação aos discípulos. O Filho compartilha com o Pai a natureza divina e pede que os discípulos participem desta Vida: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um” (Jo 17,21-22).

No discurso de despedida, Jesus prometera o dom do Espírito: “Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade” (Jo

---

dos nossos desejos”. Nesse sentido, para ele, apenas uma fé ferida pode curar (HALÍK, T., *Toque as feridas*, p. 187-188).

<sup>11</sup> “En Jn, ‘mi Padre’ precede a ‘vuestro Padre’, señalando así que la relación de Jesús con Dios es anterior” (LÉON-DUFOUR, X., citado por CAPUCHO, E., *Aparição do Ressuscitado a Maria Madalena*, p. 67).

<sup>12</sup> BROWN, R., *El Evangelio según Juan XIII-XXI*, p. 1450. “Pela primeira vez em São João, Jesus chama os discípulos de seus irmãos, e filhos de seu Pai. Entram na família do Pai” (DURRWELL, F. X., citado por CAPUCHO, E., *Aparição do Ressuscitado a Maria Madalena*, p. 66).



14,15-17). A promessa é cumprida, pois, na aparição aos discípulos, Jesus afirma: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21). E, em seguida, sopra sobre eles e diz: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,22). Assim, no IV Evangelho, o envio do Paráclito, após o ressuscitamento de Jesus, conduzirá as pessoas, que acreditarem, à verdade, ao amor doador de vida, que une o Pai e o Filho e quer unir a todos os seres humanos entre si e na vida divina.<sup>13</sup>

## Conclusão

Ler o Evangelho de João é um convite a se surpreender com essa figura assombrosa que é o Jesus joanino, como podemos verificar na seleção de textos que abordamos. Quem nele crê? O pescador, o coxo, a samaritana...<sup>14</sup> Quem nele não crê? As autoridades religiosas de seu tempo, os sumos sacerdotes, os fariseus... Nessa tensão entre acolhida e recusa de sua mensagem, percebe-se também uma dinâmica entre claro e escuro, por meio da qual o Evangelho de João nos mostra tanto a unidade quanto a alteridade entre Jesus e o Pai, através da qual a identidade do Nazareno vai se revelando divina, sem deixar de ser humana.<sup>15</sup> Transparente à ação do Pai no mundo através dele, o Filho inaugura seu Reino e envia o Espírito a todas as pessoas que se mostram dispostas a acolher seu projeto universal de amor e salvação.

## Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, B. O retorno às fontes da revelação judaico-cristã: Caminho para superar o dualismo antropológico em um contexto de mudança de época. **Instituto Mosaico**, Rio de Janeiro, 25 nov. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/instituto-mosaico/o-retorno-às-fontes-da-revelação-judaico-cristã-426e2c52871d>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

<sup>13</sup> WERBICK, J., Doutrina da Trindade, p. 436.

<sup>14</sup> Em ocasião anterior, o desvelamento da identidade de Jesus no quarto Evangelho foi descrito a partir das anotações feitas nas aulas da disciplina “Antropologia teológica I”, ministrada pelo Prof. Dr. Joel Portella Amado: “É bela a maneira como a trajetória de Jesus é apresentada no Evangelho de João, onde ele pouco a pouco liberta as pessoas que se encontram com ele de todo tipo de impedimento à lógica da comunhão e do convívio, sejam eles impedimentos físicos (o sinal nas bodas de Caná), histórico-culturais (o encontro à beira do poço com a mulher samaritana), religiosos, jurídicos e morais (a misericórdia para com a mulher adúltera), biológicos (a cura do cego de nascença) e vitais (a reanimação de Lázaro)” (ALBUQUERQUE, B., O retorno às fontes da revelação judaico-cristã).

<sup>15</sup> BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G., Deus Trindade, p. 75.





BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2010.

BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. **Deus Trindade**: a vida no coração do mundo. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2009.

BROWN, R. **El Evangelio según Juan XIII-XXI**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2000.

CAPUCHO, E. Aparição do Ressuscitado a Maria Madalena: João 20, 11-18. **Revista de Cultura Teológica**, v. 19, n. 74, p. 51-71, abr./jun. 2011.

FISICHELLA, R. Revelación. In: VITO, M. (Ed.). **Diccionario teológico enciclopédico**. Estella: Verbo Divino, 1995. p. 859-861.

HALÍK, T. **Toque as feridas**: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação. Petrópolis: Vozes, 2016.

MIGLIASSO, S. Juan. In: VITO, M. (Ed.). **Diccionario teológico enciclopédico**. Estella: Verbo Divino, 1995. p. 533-535.

WERBICK, J. Doutrina da Trindade. In: SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 429-511. v. II.

ZUMSTEIN, J. O evangelho segundo João. In: MARGUERAT, D. (Ed.). **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2015. p. 437-470.

***Bruno Pinto de Albuquerque***

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro / RJ – Brasil  
E-mail: brunopintodealbuquerque@gmail.com

***Maria Clara Lucchetti Bingemer***

Doutora em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana  
Docente em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro / RJ – Brasil  
E-mail: agape@puc-rio.br

Recebido em: 15/02/21

Aprovado em: 30/04/21